

CONJUNTURA

Após setembro negativo, outubro tem futuro incerto na Bolsa de Valores

Após um setembro com desempenho negativo, a B3 deve enfrentar mais um período de instabilidade. Desconfiança do mercado com o compromisso do governo em respeitar o teto de gastos, e a falta de consenso sobre o Renda Cidadã, contribuíram para a queda

RH Rosana Hessel

postado em 05/10/2020 06:00 / atualizado em 05/10/2020 14:35

A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) encerrou setembro no vermelho pelo segundo mês consecutivo, com queda de 4,8% no mês. É outro desempenho negativo, após as recuperações entre abril e julho do tombo de quase 30%, em março, quando foram registradas as primeiras mortes por covid-19 no país. Analistas ouvidos pelo **Correio** reconhecem que setembro não foi um mês bom para a B3, devido ao aumento da desconfiança no mercado. E, para outubro, avisam que a “bruxa está solta”, em alusão ao Dia das Bruxas no fim do mês. Portanto, quem tem dinheiro aplicado nesse mercado precisa manter suas posições, porque as incertezas domésticas prometem se intensificar, principalmente, em relação à questão fiscal, pois a manutenção ou não do teto de gastos — emenda constitucional que limita o crescimento das despesas públicas à inflação do ano anterior — será determinante para os novos rumos do Índice Bovespa (IBovespa), principal indicador da B3.



Sobe e desce

A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) encerrou setembro com queda de 4,8% e pelas estimativas de analistas, enfrentará muita oscilação até o fim do ano, devido às incertezas, principalmente, na área fiscal.



AS 10 MAIORES ALTAS EM SETEMBRO

Ação	% no IBovespa	Variação no mês (em %)
1ª Localiza ON	1,95	127
2ª Fib de Açúcar ON	0,63	9,61
3ª Azul SA PN	0,46	9,77
4ª Gerdau PN	1,20	8,96
5ª Qualicorp ON	0,56	8,80
6ª RaiaDrogasil ON	1,45	8,77
7ª CSN ON	0,61	8,46
8ª Gerdau Met PN	0,38	6,94
9ª IRB Brasil ON	0,54	5,05
10ª Carrefour ON	0,46	4,81

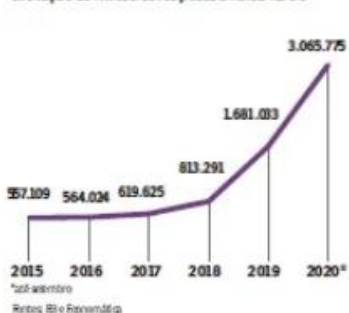
AS 10 MAIORES PERDAS EM SETEMBRO

Ação	% no IBovespa	Variação no mês (em %)
1ª B2W Digital ON	1,08	-19,73
2ª Cosan ON	0,51	-17,92
3ª Petrobrás ON	0,273	-16,71
4ª Rumo SA ON	1,485	-15,66
5ª ViaVarejo ON	1,60	-15,37
6ª Embraer ON	0,26	-14,99
7ª Eletrobras ON	0,63	-14,62
8ª Murfrig ON	0,32	-14,33
9ª Cielo ON	0,25	-13,82
10ª Eletrobras PN	0,43	-13,10

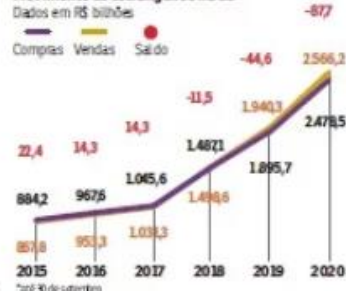
VAI E VEM

Enquanto os brasileiros não param de entrar na Bolsa buscando mais retorno diante da queda da taxa Selic, os estrangeiros batem em retirada devido ao aumento da desconfiança no país

Evolução de investidores pessoa física na B3



Movimento de estrangeiros na B3



Economia
(foto: Editora de ilustração)

O tombo do IBovespa, de 18,2% no acumulado desde janeiro até 30 de setembro, mostra que as apostas otimistas do início do ano, prevendo a B3 acima de 125 mil pontos, caíram por terra. A B3 deverá encerrar o ano no vermelho. A torcida agora é de que, na melhor das hipóteses, fechará o ano entre 100 mil e 105 mil pontos, se não houver mais contratemplos nos próximos meses, o que é muito difícil.

A confusão no governo em relação às fontes de financiamento do Renda Cidadã, programa social que deverá substituir o Bolsa Família, tem deixado os operadores tensos. Para analistas, o mercado vê que o presidente está propenso a adotar medidas populistas, de olho na reeleição em 2022, na contramão das promessas de campanha. Para piorar, o cenário externo não deve ajudar, após a confirmação de o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, testar positivo para covid-19. O clima nas bolsas norte-americanas será de nervosismo nos próximos dias.

Alexandre Espírito Santo, economista da Órama, reconhece que o otimismo que havia no início do ano era exagerado. “Estava prevendo que o IBovespa ficasse entre 100 mil e 105 mil pontos no fim de dezembro, mas, a doença de Trump pode complicar as eleições nos EUA e afetar o humor dos mercados lá fora. Além disso, alguns ruídos domésticos começam a entrar no preço”, destaca. Para ele, o IBovespa deverá oscilar entre 90 mil e 93 mil pontos neste mês.

“A Bolsa subiu muito por conta da queda nos juros. Só que o pessoal esquece que, com a economia parada, as perspectivas para as empresas listadas no mercado e a rentabilidade delas não serão muito positivas nesse clima de recessão e incertezas domésticas. O processo de ajuste deve ser feito daqui para frente. Dependendo do setor, será maior ou menor”, destaca José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator. Ele também reconhece que o descumprimento do teto de gastos será um sinal muito ruim para o mercado.

Analistas alertam que a volatilidade nos mercados deverá continuar e que o dólar vai se manter valorizado frente ao real — a moeda com maior desvalorização no ano. “Setembro mostra que a volatilidade voltou e que o país está em uma encruzilhada. Outubro será uma incógnita pelo ponto de vista da Bolsa, porque a oscilação será maior por questões internas, principalmente, na área fiscal, e por causa da pandemia. Agora, se vierem notícias boas, como a confirmação da vacina, a tendência é de nova alta, mas ela não vai se sustentar por muito tempo, porque o fiscal é o principal problema daqui para frente, sem contar que o cenário externo não deverá ser muito favorável”, destaca Fabio Gallo, especialista em Finanças e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Sinais trocados

No entender de **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**, o governo vem testando o mercado com mensagens trocadas. Uma hora, apresenta a reforma administrativa ao Congresso e fala que está comprometido em retomar a trajetória de responsabilidade fiscal; na outra, anuncia o novo programa social, o Renda Cidadã, adiando o pagamento de precatórios; em seguida, Paulo Guedes, ministro da Economia, diz que não é nada disso. “Esse tipo de confusão é muito ruim. Os investidores sabem que adotar medidas assistencialistas e populistas não dá muito certo, como ocorreu em 2014. O país, até agora, não se recuperou”, alerta Agostini. Para ele, o governo precisa revisar os programas sociais e ser mais assertivo, ao invés de insistir em medidas que busquem burlar o teto.

O economista Paulo Rabello de Castro, ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), reforça que as quedas na Bolsa em agosto e em setembro confirmam que a ficha caiu no mercado, que vinha minimizando os problemas políticos do atual governo. Para ele, a crise do Renda Cidadã e o desgaste na imagem de Paulo Guedes mostram que não há uma política econômica definida. “Em grande medida, o mercado está precipitando a perda de credibilidade do ministro e a perda de plausibilidade da política econômica”, destaca. Segundo ele, as soluções apresentadas pelo governo não passam de “cloroquina econômica”, como o caso do Renda Cidadã via calote de precatórios.

“Guedes é o mais keynesiano de todos os ministros”, pontua Castro. Para ele, será difícil segurar a vontade de gastar do presidente daqui para frente. Fabio Gallo, da FGV, reforça que calote é pior do que pedalada fiscal, prática que foi o estopim para o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Selic baixa estimula procura

Apesar dos riscos que a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) tem, investidores brasileiros não param de procurar o mercado de ações, na contramão dos estrangeiros. Em setembro, a B3 ultrapassou a marca de 3 milhões de aplicadores pessoa física. Enquanto isso, a demanda de estrangeiros bateu recorde no ano, com a saída de R\$ 87,7 bilhões no acumulado até 30 de setembro, praticamente o dobro do volume de saída do ano passado.

Essa saída, segundo analistas, está relacionada ao aumento de incertezas sobre a capacidade do governo de cumprir a promessa de respeitar o teto de gastos. Com a dívida pública bruta encostando em 100% do Produto Interno Bruto (PIB), patamar insustentável para qualquer país emergente, investir na Bolsa não se tornou atividade para amadores.

Arriscar nesse cassino exige sangue frio e precisa ser encarado como investimento de longuíssimo prazo — sabendo escolher bem as ações — para obter ganhos, de acordo com os especialistas. Mesmo assim, o grande volume recorde de entrada de pequenos investidores na Bolsa mostra que, com a taxa básica de juros (Selic) no menor patamar da história, de 2% ao ano, há poucas opções no mercado para investimento.

Como os fundos de renda fixa e aplicações em títulos públicos não rendem como antes ou dão prejuízo ao investidor, a Bolsa acaba sendo uma opção vantajosa, apesar de apresentar perdas no curto prazo. “A poupança rende 70% da Selic, mas é o investimento mais garantido para, pelo menos, não perder todo o patrimônio em fundos que cobram taxas exorbitantes, sem falar no imposto de renda”, destaca Fabio Gallo, especialista em Finanças e professor da Fundação Getulio Vargas (FGV).

É importante ficar atento aos papéis que registram valorização atualmente, porque, em grande parte, não são altas sustentáveis, segundo analistas. O professor da FGV recomenda pesquisar a saúde financeira das empresas e as perspectivas do mercado em que elas atuam antes de comprar qualquer ação.

O cenário de juros baixos está desafiando os gestores. Os principais indicadores da B3 apresentam queda no ano, inclusive, as de empresas que pagam dividendos e os índices ligados ao setor imobiliários, que lideraram os ganhos em 2019. Conforme o levantamento feito pela Economática a pedido do Correio, as companhias com os principais ganhos em setembro não estão entre as maiores empresas do IBovespa, pois possuem participação pequena.